

TRADIÇÕES RUPESTRES DA ÁREA ARQUEOLÓGICA DE SÃO RAIMUNDO NONATO, PIAUI, BRASIL *

NIEDE GUIDON

Ecole de Hautes Etudes en Sciences Sociales (Paris). Profa. Visitante da Universidade Federal de Pernambuco

As pesquisas na área arqueológica de São Raimundo Nonato começaram em 1970; a partir de 1978 uma equipe interdisciplinar, franco-brasileira, trabalha na região até então virgem de qualquer pesquisa. A ausência completa de dados em todas as disciplinas fez com que se devesse estabelecer um programa muito vasto a fim de poder criar um quadro de referência no qual fosse possível inserir a reconstituição da evolução do meio ambiente e das sociedades humanas que se sucederam nesta parte do Nordeste desde há, pelo menos, 50.000 anos.

A **área arqueológica de São Raimundo Nonato**, em seus limites atuais, situa-se entre 8° e 9°30' de latitude sul e 41°30' e 43°30' de longitude oeste, compreendendo os municípios de São Raimundo Nonato, São João do Piauí, Canto do Buriti, Anísio de Abreu e Caracol, cobrindo uma área de cerca de 40.000 km² dos quais 12.000 km² constituem a chamada **área nuclear** na qual as pesquisas têm sido intensivas; no restante da zona foram feitas, somente, algumas prospecções exploratórias.

Trata-se de região semi-árida, incluída no Polígono das Secas. O relevo, acidentado, compreende uma sucessão de Serras que fazem parte da Serra do Bom Jesus da Gurguéia

* Comunicação apresentada ao First AURA Congress, Darwin (Austrália), 1988. Pesquisas realizadas com o apoio do Conselho Nacional do Desenvolvimento Científico e Tecnológico — CNPq (Brasil) e do Ministério das Relações Exteriores (França).

recebendo nomes locais: Serra da Capivara, Serra Talhada, Serra Branca, Serra Vermelha, Serra do Tapuí, Serra do Gongo, etc.

A área cobre duas grandes formações geológicas, as chapadas e vales da bacia sedimentar Maranhão-Piauí, do devoniano-permiano e a planície pré-cambriana da depressão periférica do Rio São Francisco. Nas paredes verticais da **cuesta** ou dos vales interiores a erosão diferencial criou numerosos abrigos. A planície é interrompida pelos **inselbergs**, alguns dos quais formados por afloramentos calcáreos com um relevo cárstico típico, caracterizado pela presença de salas e galerias subterrâneas.

As paredes dos abrigos e a entrada das grutas são, as vezes, cobertas de pinturas pré-históricas; os blocos caídos e as margens rochosas dos rios temporários, típicos desta região semi-árida, serviram freqüentemente de suporte à gravuras. Nas margens da chapada, nos vales largos e na planície encontramos vestígios de aldeias e acampamentos, seja de caçadores-coletores, seja de agricultores-ceramistas.

Como primeira hipótese de trabalho estabelecemos que, situada em uma zona fronteira entre duas grandes formações geológicas, com uma grande diversidade de unidades de paisagem e de ecossistemas, a área reunia as características de um importante centro de desenvolvimento de sociedades pré-históricas. Esta hipótese foi confirmada: até 1988 282 sítios haviam sido registrados, dos quais 218 são de arte rupestre.

Uma classificação preliminar desta arte foi proposta dividindo-a em seis **tradições**, das quais três são de pinturas e três de gravuras (GUIDON, n.º 1984). As **tradições** são definidas pelas classes de grafismos representados e pela proporção relativa que estas classes guardam entre si. Dentro das tradições pode-se, as vezes, distinguir-se **sub-tradições** segundo critérios ligados à diferenças na representação gráfica de um mesmo tema e à distribuição geográfica. A unidade de base, o **estilo**, é definida pela técnica de manufatura e pela apresentação gráfica (PESSIS, 1987).

Foram feitas ou estão em curso, escavações cuja finalidade é datar e situar em um contexto arqueológico as manifestações dessas tradições rupestres. Duas já foram muito bem datadas; no que concerne as outras dispomos unicamente de certos indícios que as ligam à povos caçadores-coletores do holoceno.

Foi possível datar certos estilos graças à descoberta, nas camadas datadas pelo 14C, de blocos caídos da parede

pintada ou então de restos de pigmentos preparados ou em estado bruto. Em uma camada datada de — 32.000 anos um pedaço de parede mostrava manchas de ocre vermelho, mas esses vestígios eram demasiado fragmentários, pálidos e sem forma definida o que faz com que não se possa considerá-los como prova absoluta de que esta prática era já comum nessa época. Mas esta descoberta é o fundamento da hipótese que a arte era uma função social muito antiga na área arqueológica de São Raimundo Nonato. Em um fogão, datado de 17.000 anos B.P., um fragmento de parede mostrava duas retas paralelas de cor vermelha. A partir de — 12.000, quando aparecem os primeiros painéis que podem ser lidos, a arte é muito difundida e seu grau de desenvolvimento consolida a hipótese segundo a qual a arte tem raízes muito profundas e antigas na região.

1. Tradição Nordeste

Na **área nuclear** da zona de pesquisa, nos terrenos da bacia sedimentar, domina a tradição **Nordeste** (pranchas 1 a 12). Ela é definida pela presença de grafismos reconhecíveis, de grafismos puros os quais não podem ser identificados. Estas figuras são, muitas vezes, dispostas de modo à representar ações, cujo tema é, às vezes, reconhecível (PESSIS, A-M, 1987). Os grafismos puros são nitidamente minoritários. Às figuras humanas e animais aparecem em proporções iguais e são mais números que as representações de objetos e as figuras fitomorfas. As composições representando ações ligadas seja à vida de todos os dias, seja à cerimônias ou mitos, são abundantes e constituem a especificidade da tradição **Nordeste**.

Esta tradição revela uma arte figurativa mas não realista; a maioria das figuras são reconhecíveis mas representadas segundo um código gráfico convencional muito afastado da realidade natural (PESSIS, A:M., 1987). Ela associa a arte figurativa à representações gráficas — grafismos puros — que são as unidades de um código do qual somente os autores possuíam a chave.

Ela existe em outros Estados do Nordeste onde foi datada de 9.000 anos B. P. (MARTIN, G., 1988), chegando, no Estado do Rio Grande do Norte até a 50 km do mar. Segundo os dados disponíveis esta região aparece até agora como a provável área de origem desta Tradição. Já foram descritos sítios de tradição **Nordeste** em Minas Gerais, Goiás e Mato

Grosso mas seu foco de origem parece ser a área de São Raimundo Nonato.

Graças à abundância de sítios e à sua larga distribuição espacial e temporal pudemos classificá-la em sub-tradições e estilos. Atualmente conhecemos as sub-tradições Várzea Grande e Salitre, no sudeste do Piauí (GUIDON, N., 1984) e a sub-tradição Seridó, no Rio Grande do Norte (MARTIN, G., 1988).

A sub-tradição Várzea Grande, a mais bem estudada e representada, está dividida em estilos que se sucedem no tempo: **Serra da Capivara**, o mais antigo, **Complexo Serra Talhada** e **Serra Branca**, estilo final na área de São Raimundo Nonato. Segundo A.-M. Pessis (1987) esta sucessão de estilos não representa diferentes unidades estilísticas, perfeitamente distintas e segregáveis mas é o reflexo de uma evolução lenta e contínua, que durante cerca de 6.000 anos, introduziu micro-modificações no estilo básico, Serra da Capivara. Isto levou a um desenvolvimento em **continuum** da sub-tradição Várzea Grande, sendo o complexo Serra Talhada resultado desse processo evolutivo o qual acumulou micro-diferenças que redundaram no estilo final, Serra Branca, que conduz diretamente à sub-tradição Salitre

As datações obtidas, a análise da indústria lítica confirmam as conclusões às quais chegamos graças ao estudo da arte rupestre. A tradição **Nordeste**, evidente desde há 12.000 anos parece desaparecer da região por volta de — 7.000/— 6.000 anos.

2. Tradição Agreste

Em certos sítios da bacia sedimentar Maranhão-Piauí, ao lado da tradição **Nordeste**, aparece a tradição **Agreste** (pranchas 13 e 14). Ela se caracteriza pela predominância de grafismos reconhecíveis, particularmente da classe das figuras humanas, sendo raros os animais. Nunca aparecem representações de objetos, nem de figuras fitomorfas. Os grafismos representando ações são raros e representam unicamente caçadas. Ao contrário da tradição anterior as figuras são representadas paradas: não há nem movimento, nem dinamismo. Os grafismos puros, muito mais abundantes que na Tradição **Nordeste**, apresentam uma morfologia bem diferente e diversificada.

Muitas vezes as figuras **Agreste** são realizadas no interior de painéis **Nordeste** o que dificultou a segregação da pri-

meira tradição. Frequentemente os grafismos desta tradição aparecem superpostos a grafismos de outras tradições. Este procedimento indica um critério de escolha do espaço pictural. A técnica de desenho e de pintura é de má qualidade, os desenhos são canhestros não permitindo, na maioria dos casos a identificação das espécies animais. O tratamento da figura é limitado e de péssima factura.

A repartição espacial da tradição **Agreste** é, **grosso modo**, a mesma da tradição **Nordeste**. Entretanto há regiões do norte e centro do Piauí e sudoeste de Pernambuco onde aparecem sítios com pinturas de tradição **Agreste** e onde nunca se encontrou pinturas **Nordeste**.

Na área arqueológica de São Raimundo Nonato, **Agreste** está subdividida em sub-tradições: **Serra do Tapuio**, **Extrema** e **Gerais**.

O foco de origem da tradição poderia ter sido a zona fronteiriça entre os Estados do Ceará e do Piauí. No sudeste do Piauí ela é associada a uma indústria lítica mais grosseira, de técnica pouco aprimorada e que utiliza como matéria-prima somente quartzo e quartzito.

Na zona de São Raimundo Nonato a tradição **Agreste** é periférica e limitada entre 10.500 e 6.000; com o desaparecimento dos povos de tradição **Nordeste** ela domina. Ela parece ter desaparecido entre 4.000-3.000 anos BP.

3. Outras tradições

Até hoje não foi realizada nenhuma escavação, unicamente algumas sondagens, em sítios pertencentes às outras tradições de arte rupestre da área de São Raimundo Nonato. Deste modo pouco podemos adiantar sobre elas além de uma descrição sumária.

A tradição **Geométrica** (prancha 15) é caracterizada por pinturas que representam uma maioria de grafismos puros e algumas mãos, pés, figuras humanas e de répteis extremamente simples e esquematizadas. Ela aparece isolada em um único sítio na planície pré-cambriana, mas alguns painéis foram desenhados em sítios das tradições **Nordeste** e **Agreste**.

Três são as tradições de gravuras: **Itacoatiaras de Leste**, **Itacoatiaras de Oeste** e **Gongo**. Para a primeira temos resultados de prospecções e sondagens que demonstram que está ligada a povos de caçadores coletores. A segunda foi datada, em Mato Grosso, de 12.000 B.P. anos e aparece nesse estado associada a uma bela indústria em quartzito e sílex.

Itacoatiaras de Leste (prancha 16) é uma tradição típica de todo o Nordeste brasileiro e seus painéis ornaram as margens e leitos rochosos de rios e riachos do sertão, marcando cachoeiras ou pontos nos quais a água persiste mesmo durante a época da seca.

Itacoatiaras de Oeste (prancha 17), representada unicamente por grafismos puros, existe desde a fronteira da Bolívia até o limite oeste da área de São Raimundo Nonato, indo para o sul, onde aparece até o norte de Minas Gerais. A tradição conhecida como **tradição das pisadas** do sul do Brasil, Uruguai e Argentina pode derivar de **Itacoatiaras de Oeste**. Os painéis desta tradição ornaram paredes situadas perto de cachoeiras, lagos, fontes ou depósitos naturais de água.

Conhecemos até hoje um único sítio de tradição **Gongo** (prancha 18) e por isso não podemos definir se ela constitui de fato uma tradição ou é um fenômeno isolado. As figuras gravadas representam uma maioria de grafismos puros e algumas formas animais e humanas muito esquematizadas. O sítio **Caldeirão do Deolindo** é um depósito natural de água, um caldeirão.

Fronteira geológica, fronteira ecológica, São Raimundo Nonato foi um ponto de convergência de diferentes etnias que aí deixaram uma profusão de vestígios o que torna a área uma das mais ricas e importantes para a arqueologia americana.



BIBLIOGRAFIA

GUIDON, N.

1984, *L'art rupestre du Piauí dans le contexte sud-américain. Une première proposition concernant méthodes et terminologie*. Tese de Doutorado de Estado "ès Lettres et Sciences Humaines". Université de Paris I — Panthéon-Sorbonne.

MARTIN, G.

1988, "A sub-tradição Seridó" de pinturas rupestres pré-históricas do Brasil. Comunicação apresentada ao First AURA Congress, Austrália.

PESSIS, A.-M.

1987, *L'art rupestre préhistorique: Premiers registres de la mise en scène*. Tese de Doutorado de Estado "ès Lettres et Sciences Humaines". Université de Paris X — Nanterre.